

soais, coisas esquecidas ou recalçadas e que podem, portanto, ser explicadas completamente por uma anamnésia individual; b) — fantasias (inclusive sonhos) de caráter impessoal, que não se deixam reduzir a experiências do passado do indivíduo e, portanto, não podem ser explicadas como alguma coisa de individual. A isto o afamado psiquiatra chama o "inconciente coletivo". É o que acaba de ser dito não só diz respeito àquelas modalidades de expressão acima mencionadas como também a toda produção poética.

O excelente livro que Jung e Kerényi escreveram de parceria não se limita, evidentemente, a dar uma introdução geral à mitologia. Trata, igualmente, de dois mitos fundamentais: o mito da criança divina e o de Kore, símbolo feminino. Quantas sugestões de uma atualidade tremenda!

Em suma, pode-se dizer que é uma obra dessas que jamais envelhecem e que será sempre lida com gosto e proveito.

JOHANNES HECHT

---

FRIEDEL (Egon). — *Das Altertum war nicht antik*. Georg Prachner Verlag. Viena. 1950. 182 pp.

Friedell é um esgrimista de estilo. Cintilante, envolvente e, por isso mesmo, perigoso. Suas conclusões sempre engenhosas, nem sempre são verdadeiras, nem sempre correspondem à realidade profunda das coisas. Por exemplo: num belo jogo de palavras Friedell nega, ou melhor exclui o classicismo do panorama da vida. Não existe para ele a arte clássica, muito menos a possibilidade de um padrão clássico de vida. Há forçosamente nisso um paradoxo. Não só existiu a arte grega, clássica no seu objetivo de equilíbrio de forças, como também o Cristianismo é um exemplo de classicismo, na medida em que exige um perfeito equilíbrio de forças para a vida. Cada cristão há de ser um perfeito exemplo de medida, tanto na vida física como na vida moral. O primeiro dever do cristão é zelar pela conservação do corpo, tanto quanto vigiar a unidade de suas forças morais. A vida é em última essência clássica. Porque exige um equilíbrio de forças para obtenção de um equilíbrio perfeito. Essa é a realidade em sua última essência. Se é ou não praticada pelos indivíduos, se foi ou não praticada pelas civilizações, se as culturas corresponderam ou não ao ideal clássico, é um outro capítulo e aí não há mãos a medir.

Prevalece contudo, uma utilidade, uma grande utilidade na leitura de Friedell: ele põe diante de nossos olhos, de um modo surpreendente, certas realidades profundamente simbólicas, que nos compêndios e obras gerais nos passam despercebidos. E só isso paga a pena de lê-lo.

PEDRO DE ALMEIDA MOURA

---

FRIEDEL (Egon). — *Kulturgeschichte Griechenlands*. Phaidon Verlag. Zurique. 1949. 339 pp.

De acordo com o próprio autor a doença incurável do homem é a sua tendência de fazer crítica, a imperiosa necessidade de interpretar, de idealizar ou deformar não só os acontecimentos do passado e os fatos do presente, como ainda as promessas do futuro. Ora, a obra de Friedell é uma das conseqüências dessa incurável moléstia. Sendo a história uma "constante reinterpretação do passado" aqui temos uma reinterpretação do passado helênico.

Concordando ou discordando dos pontos de vista de Friedell, temos que reconhecer o seu talento e admirar com que extraordinária perícia sabe escolher os ângulos de onde focalizar a paisagem cultural da Grécia segundo a